



**Instauratio Magna**

Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Filosofia da Universidade Federal do ABC

v. 2, n. 2 (2022) • ISSN: 2763-7689

Artigo

## Breves notas sobre o problema da Filosofia no Brasil a partir do conceito de "formação"

**Roger Augusto Barbosa Montemor**

Universidade Federal do ABC (UFABC)  
São Bernardo do Campo (SP)

**DOI: 10.36942/rfim.v2i2.742**

Recebido em: 18 de junho de 2022.

Aprovado em: 11 de janeiro de 2023.

Contato do autor: [roger.montemor@gmail.com](mailto:roger.montemor@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6591395701968506>

## Resumo

Falar de filosofia no Brasil nos leva, de algum modo, a inseri-la num quadro maior do processo formativo da cultura brasileira. E neste sentido, ao menos segundo Paulo Arantes, temos em Antônio Candido a figura privilegiada para pensarmos a noção de formação no Brasil. De acordo com Arantes, a noção de formação trabalhada por Candido, ofereceria uma espécie de modelo que poderia ser extrapolável para se pensar o problema da formação cultural geral - incluindo a filosófica - num país como o Brasil. Além de Candido, outro autor central para problematizar a formação cultural brasileira é Roberto Schwarz, especialmente seu ensaio *As ideias fora de lugar*, onde procura sistematizar o sentido da transposição de elementos de uma cultura - no caso a europeia -, num país com pressupostos materiais diferentes daqueles em que esta cultura se originou. Sendo assim, a partir do conceito de formação de Candido e de algumas teses do ensaio *As ideias fora de lugar*, procuramos comentar sobre alguns aspectos e o sentido possível da formação de uma cultura filosófica no Brasil.

**Palavras-chave:** Cultura filosófica, Formação, Antonio Candido, Roberto Schwarz, Paulo Arantes.

—  
Brief notes on the problem of Philosophy in Brazil starting from the concept of "formation"

## Abstract

Speaking of philosophy in Brazil imposes on us the need of inserting it in a bigger framework of the formative process of Brazilian culture. According to Paulo Arantes, about this need, we have on Antônio Candido the main source to analyze the notion of Brazil's making. Following Arantes, the notion of formation worked by Candido would offer a kind of model that could be generalized to think the problem of general cultural formation – including philosophical – in a country like Brazil. Besides Candido, another central author to question the cultural making of Brazil is Roberto Schwarz, specially in this essay *Misplaced Ideas*, where he seeks to draw the direction of elements transposition from a culture – european – in a country with different material assumptions from the one in which those elements are originated. That way, starting from Candido's concept of formation and some thesis of Schwarz's *Misplaced Ideas*, we will comment on the possible meaning of the making of a philosophical culture in Brazil.

**Keywords:** Philosophical Culture, Formation, Antônio Candido, Roberto Schwarz, Paulo Arantes.

—  
**Breves apuntes sobre el problema de la Filosofía en Brasil a partir del concepto de "formación"**

## Resumen

Hablar de filosofía en Brasil nos lleva, de alguna manera, a insertarla en un panorama más amplio del proceso formativo de la cultura brasileña. Y en ese sentido, al menos según Paulo Arantes, tenemos a Antonio Candido como figura privilegiada para pensar la noción de formación en Brasil. Según Arantes, la noción de formación elaborada por Candido ofrecería una especie de modelo extrapolable para pensar el problema de la formación cultural general - incluida la filosófica- en un país como Brasil. Además de Candido, otro autor central para discutir la formación cultural brasileña es Roberto Schwarz, especialmente su ensayo *As ideias fora de lugar*, en el que busca sistematizar el significado de la transposición de elementos de una cultura - en este caso la europea-, en un país con presupuestos materiales diferentes a aquellos en los que se originó esta cultura. Por lo tanto, a partir del concepto de formación de Candido y algunas tesis del ensayo *As ideias fora de lugar*, buscamos comentar el posible significado de la formación de una cultura filosófica en Brasil.

**Palabras clave:** Cultura filosófica, Capacitación, Antonio Candido, Roberto Schwarz, Paulo Arantes.

## Breves notas sobre o problema da Filosofia no Brasil a partir do conceito de "formação"

Roger Augusto Barbosa Montemor

Se não tomarmos a filosofia no Brasil como um fato da cultura que surge pronto e acabado, falar de filosofia no Brasil nos leva necessariamente a inseri-la num quadro maior de um processo formativo da cultura no Brasil, que, como tal, está situado historicamente e que, por isso mesmo, não escapa aos solavancos dessa mesma história. Ao menos segundo Arantes, temos em Antônio Candido a figura privilegiada para pensarmos a noção de formação no Brasil, em outras palavras, a noção de formação trabalhada por Candido, ofereceria uma espécie de modelo que, apesar de ter como objeto a literatura, poderia ser extrapolável para se pensar o problema da formação cultural geral no país e do significado da atividade intelectual num país de socialização capitalista *atrasada*, ou se preferirmos periférico<sup>1</sup>. O adjetivo periférico tem a sua razão de ser:

---

<sup>1</sup> Uma objeção possível aqui diz respeito ao sentido colonizado do que nos referimos como formação cultural e atividade intelectual, como se tais noções fossem marcas de um raciocínio europeu. Sobre isso vale notar o seguinte: talvez a partir da conquista e da progressiva formação de um mercado mundial, a Europa se constitui como um universal, ainda que falso, de todos os outros. Talvez seja isso que Schwarz queira dizer quando comenta: "Parafrazeando Marx, as ideias da classe dominante na nação hegemônica do período tendem a ser dominantes ou pelo menos presença obrigatória nas nações periféricas. Quem as adota tais e quais é apologista ou deslumbrado. Quem pensa que as pode desconhecer coloca-se intelectualmente fora do mundo. Dentro do possível, tudo está em relacionar-se com elas de maneira judiciosa, reconhecendo a sua parte de necessidade, mas sem perder de vista as realidades e os interesses próprios. Na verdade, quem foi eu-

o processo de colonização nos impõe essa condição também do ponto de vista cultural. Trocando em miúdos, sermos uma cultura necessariamente devedora do influxo externo, da imposição da norma europeia - seja do ponto de vista da formação social, seja do ponto de vista da formação cultural - parece ser, para certa tradição crítica brasileira, um fato. Isso não significa uma impossibilidade cultural, pelo contrário, dado que, como veremos, um dos aspectos da formação consistiria justamente na elaboração local deste influxo externo, nas palavras de Arantes:

a cultura de um país periférico como o Brasil está inteiramente centrada na ideia de que através de gêneros e formas inescapavelmente europeias [...], trata-se de exprimir a verdade original de uma experiência local. Ou seja, só é relevante a forma que promove essa reinterpretação, que

---

rocêntrico e depois impôs o padrão americano foi o capitalismo. O marxismo, que é a sua teoria crítica, acompanha a voragem concentradora, mas não adere a ela" (SCHWARZ, 2012, p. 182).

Talvez, uma outra maneira de colocar tal questão - que pretendemos retomar na parte final deste texto - tem a ver com o sentido que se atribui a essa tradição cultural europeia, principalmente a partir da particularização local desta tradição. Lembremos que, ao menos na leitura de Schwarz sobre o Machado de Assis da maturidade, essa cultura perde em muito o seu caráter pretensamente positivo, civilizatório. O que não significa com isso um abandono, por decreto, de tal tradição. Candido já lidava com questões de natureza semelhante na ocasião das objeções ao seu esquema na *Formação da literatura brasileira*: "É como dizer que devemos exportar café, cacau ou borracha, deixando a indústria para quem a originou historicamente. E o mais picante é que os atuais nacionalistas literários acabam a contragosto nesta mesma canoa furada, sempre que levam a tese particularista às conseqüências finais" (CANDIDO, 2000, p. 17).

seja um instrumento de descoberta e revelação do país (ARANTES, 2004, p. 274-275).

O ensaio *Ideias fora de lugar*, de Roberto Schwarz, é incontornável para tratarmos deste tema. Este ensaio tem como pano de fundo o seguinte problema: que efeito tem a presença das ideias europeias quando transplantadas para a realidade brasileira, no caso, uma realidade de condições materiais diferentes se comparadas com aquelas de onde estas mesmas ideias se originaram? Nesta ocasião, Schwarz procurou verificar como se constitui o vínculo entre a vida ideológica e a realidade social brasileira, atrelada ao modo particular pelo qual se deu a modernização capitalista no Brasil. Um de seus possíveis achados neste ensaio consiste em sistematizar a sensação de dualidade que atravessaria a nossa vida como um todo - especialmente depois da Independência. Tal sensação de dualidade tem a ver justamente com a nossa posição na ordem mundial, nas palavras de Schwarz:

éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado, e por outro do mercado externo [...] Era inevitável, por exemplo, a presença entre nós do raciocínio econômico burguês [...] uma vez que dominava no comércio internacional, para onde a nossa economia era voltada. [...] Além do que, havíamos feito a Independência há pouco, em nome de idéias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, que assim faziam parte de nossa identidade nacional. Por outro lado, com igual fatalidade,

este conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles (SCHWARZ, 1988, p. 14).

Os efeitos desse dualismo aparecem em inúmeras esferas: na formação social, na literatura, no cinema, na vida cotidiana, etc. Ele seria responsável pela sensação de um caráter artificial de tudo que se refere à cultura brasileira. São, especialmente, os efeitos culturais deste dualismo que interessam Schwarz<sup>2</sup>.

Ocorre que, como dissemos, não à revelia destas dualidades ou esquisitices - como nomeia Schwarz -, mas justamente por levar tal

---

**2** Para efeito de *sentirmos* este dualismo, remetemos para alguns exemplos bastante sensíveis ilustrados por Schwarz: "resta na experiência aquele "desconcerto" que foi o nosso ponto de partida: a sensação que o Brasil dá de dualismo e factício - contrastes rebarbativos, desproporções, disparates, anacronismos, contradições, conciliações e o que for - combinações que o Modernismo, o Tropicalismo e a Economia Política nos ensinaram a considerar. Não faltam exemplos" (SCHWARZ, 1988, p. 19). Schwarz lista, nas páginas seguintes, exemplos na imprensa, arquitetura, literatura, na política, e nos nossos intelectuais, Silvio Romero (SCHWARZ, 1988, p. 19-21). No ensaio *Nacional por subtração*: "As suas manifestações cotidianas vão do inofensivo ao horripilante. O Papai Noel enfrentando a canícula em roupa de esquimó é um exemplo de inadequação. Da ótica de um tradicionalista, a guitarra elétrica no país do samba é outro. Entre os representantes do regime de 64 foi comum dizer que o povo brasileiro é despreparado e que democracia aqui não passava de uma impropriedade. No século XIX comentava-se o abismo entre a fachada liberal do Império, calcada no parlamentarismo inglês, e o regime de trabalho efetivo, que era escravo. Mário de Andrade, no "Lundu do escritor difícil", chamava de macaco o compatriota que só sabia das coisas do estrangeiro. Recentemente, quando a política de Direitos Humanos do governo Montoro passou a beneficiar os presos, houve manifestações de insatisfação popular: por que dar garantias aos condenados, se fora da cadeia elas faltam a muita gente? Dessa perspectiva também os Direitos Humanos seriam posições no Brasil" (SCHWARZ, 1987, p. 29-30).



sensação de dualidade a sério, é que a formação cultural foi possível. E nisso, Candido tem um papel central:

Antonio Candido assume como condição própria, que cumpre reconhecer e superar, o desequilíbrio e a precariedade de nossa herança cultural. [...] Para escrever a respeito, o crítico desenvolve um estilo que combina a seriedade e o senso amistoso do ridículo, estilo que registra e reequilibra nos termos devidos a importância que tem para nós – não há como saltar por sobre a própria sombra – a nossa formação cultural defeituosa (SCHWARZ, 1999, p. 11).

É o trato de Candido com essas dualidades que permite situarmos a nossa formação cultural em geral, incluindo a filosófica. Vejamos, esquematicamente, alguns aspectos que envolvem o conceito de formação em Candido, segundo Arantes.

### **A noção de formação**

Talvez, a primeira nota sobre tal noção que vale recuperarmos seja a diferença de sentido que a formação tem para Candido se comparada com a mesma noção trabalhada por outros autores, ora mais ora menos explicitamente. Resumidamente, a formação de que trata Candido - a literária - se completou, enquanto a formação social, econômica e política do Brasil - de que tratam autores como, por exemplo, Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Sergio Buarque de Hollanda, Raymundo Faoro - não se completou. No caso desses

autores, em certa medida, a ideia de formação possuiria um caráter descritivo e normativo: descreve um processo ainda inacabado e com vistas ao cumprimento de um ideal normativo, no caso, um ideal europeu de civilização. Poderíamos dizer que, em certo sentido, tais obras são, no fundo, sobre a não formação, ou uma formação ainda por vir<sup>3</sup>.

Outro aspecto a ser notado sobre a formação em *Candido*, está ligado à necessidade de uma linha de continuidade de problemas a serem retomados, que tornaria possível certo acúmulo intelectual. Nas palavras de Schwarz, tal continuidade permitiria a “constituição de um campo de problemas reais, particulares, com inserção e duração histórica próprias, que recolha as forças em presença e solicite o passo adiante” (SCHWARZ, 1987, p. 31). E segundo Arantes, o critério para a estruturação da Formação da literatura brasileira, tem que ver justamente com percorrer esta continuidade de ideias e problemas:

um critério interessante seria acompanhar a articulação das obras e dos escritores, um campo histórico de influências artísticas cruzadas, ao longo do qual se poderia discernir a continuidade de uma tradição. A seu ver dera finalmente com a ideia teórica fundamental do livro, a de

---

**3** Sobre isso Ver *Sobre a Formação da literatura brasileira* (SCHWARZ, 1999, p. 18-26).

Sistema Literário, que exporia na "Introdução" (ARANTES, 1997, p. 20)<sup>4</sup>.

Grosso modo, a ideia de formação de Candido, teria oferecido, segundo Arantes: "forma metódica ao conteúdo básico da experiência intelectual brasileira" (ARANTES, 1997, p. 21), que, por sua vez, poderia ser uma chave para se compreender a formação cultural em geral: "cuidando apenas de literatura, Antonio Candido deu com a equação geral do problema da formação" (ARANTES, 1997, p. 22). A sistematização de tal conceito de formação foi alcançada, em parte por Candido ter *posto em prática*, na crítica literária, o exemplo tomado de Machado de Assis. O romancista em questão encerra outro elemento da formação, a saber, aquilo que Arantes chama de "balanço de localismo e cosmopolitismo que nos momentos de equilíbrio define etapas de acumulação" (ARANTES, 1997, p. 51). É justamente esse balanço entre localismo e cosmopolitismo que será *posto em prática* por Candido. Vale a pena, sobre isso, relembrar termos para a passagem de Candido:

Se voltarmos porém as vistas para Machado de Assis, veremos que este mestre admirável se embebeu meticu-

---

<sup>4</sup> Especialmente o que vai conduzir a noção de sistema literário: "para se configurar plenamente como sistema articulado ela [a literatura] depende da existência do triângulo "autor-obra-público", em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição. Sendo assim, a brasileira não nasce, é claro, mas se configura no decorrer do século XVIII, incorporando o *processo formativo*, que vinha de antes e continuou depois" (CANDIDO, 2000, p. 15-16. Grifo nosso).

losamente da obra dos predecessores. A sua linha evolutiva mostra o escritor altamente consciente, que compreendeu o que havia de certo, de definitivo, na orientação de Macedo para a descrição dos costumes, no realismo sadio e colorido de Manuel Antônio, na vocação analítica de José de Alencar. Ele pressupõe a existência dos predecessores, e esta é uma das razões da sua grandeza: numa literatura em que, a cada geração, os melhores começam da capo e só os medíocres continuam o passado, ele aplicou o seu gênio em assimilar, aprofundar, fecundar o que havia de certo nas experiências anteriores. Este é o segredo da sua independência em relação aos contemporâneos europeus, do seu alheamento às modas de Portugal e França (CANDIDO *apud* ARANTES, 1997, p. 29).

Ou seja, Machado de Assis sintetiza essa formação a partir de uma postura comparatista e cumulativa com relação aos seus predecessores (Ver ARANTES, 1997, p. 32). Procedimento análogo ao que Candido opera com os seus próprios predecessores na crítica literária<sup>5</sup>, colocando em outro patamar a crítica literária, como observa Arantes: "formado na escola de Machado de Assis, de fato Antonio Candido aprendeu mesmo foi com as falhas de formação dos predecessores, cujos achados modestos também soube fixar e sublimar" (ARANTES, 1997, p. 29-30).

---

**5** Se na literatura tínhamos uma linha possível que vai de Joaquim Manoel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, culminando com Machado de Assis; poderíamos dizer que algo análogo ocorre na crítica literária, que segue uma linha que passa por Silvio Romero, José Veríssimo, Antonio Candido e Roberto Schwarz.

Este balanço entre localismo e cosmopolitismo teria encontrado em Machado de Assis um de seus pontos altos. Digamos que o romancista é aquele que olha, ao mesmo tempo, para dentro e para fora, dialogando e dando continuidade aos problemas abordados por seus antecessores, e deste modo “finalmente cumpria o programa de continuidade cultural por canalização do influxo interno, e correspondente desprovincianização da consciência literária, traçado pelos dois críticos nas linhas tortas que se viram” (ARANTES, 1997, p. 29).

O resultado deste movimento implica, ao menos segundo Arantes, o alcance de um ponto de vista universal a partir do olhar local:

Machado simplesmente submeteu à crítica recíproca e sem resto os termos da comparação [...] Juntando os dois pólos, relativizava-os e assim acabou mostrando que era possível opinar sobre os grandes assuntos ao chamar pelo nome as contradições locais, ao mesmo tempo em que especificava a hora histórica daqueles mesmos assuntos ditos universais (ARANTES, 1997, 32).

Deste modo formava-se, ao menos segundo nossos autores, uma literatura no Brasil, no sentido de um sistema literário que se refere a si mesmo e cria as condições internas para a emergência de obras literárias a que podemos dar o nome de brasileiras, que

tenham, ao mesmo tempo, o potencial de dizer algo sobre a totalidade global na qual estamos inseridos<sup>6</sup>.

### **Um possível caso exemplar: o caso Schwarz**

Se, como vimos acima, ao menos segundo Candido, a formação da literatura brasileira tem como figura chave Machado de Assis, Schwarz, seguindo a providência que sugere a noção de formação, tem como ponto de partida exatamente esse acúmulo com o qual contribuiu Candido. Em detalhe, de certo modo, o *ponto de partida* de Schwarz - um estudo da obra de Machado de Assis - coincide com o *ponto de chegada* de Candido na Formação da literatura brasileira. Apontemos, esquematicamente, para alguns resultados, que nos interessam aqui, da interpretação de Schwarz sobre a *matéria brasileira*<sup>7</sup> que passa, em grande medida, pela análise da obra machadiana.

Digamos, muito esquematicamente, que Schwarz identifica um dife-

---

**6** Não esqueçamos, ao menos segundo Schwarz, que esta formação "trata-se de uma descrição do progresso à brasileira, com acumulação muito considerável no plano da elite, e sem maior transformação das iniquidades coloniais" (SCHWARZ, 1999, p. 66).

**7** Lembramos que por *matéria brasileira* o crítico compreende: "um conjunto de relações altamente problemático, originário da Colônia, solidamente engrenado, incompatível com o padrão da nação moderna, ao mesmo tempo que é um resultado consistente da própria evolução do mundo moderno, a que serve de espelho ora desconfortável, ora grotesco, ora utópico (nos momentos de euforia). A tenacidade desta estrutura é ponto assentado de nossa historiografia. [...] vários momentos fortes da inteligência brasileira, inclusive as invenções literárias mais originais, lhe respondem de forma também estrutural e lhe devem a relevância" (SCHWARZ, 2019, p. 161-162).

rente modo de funcionamento da ideologia no Brasil se comparado com o centro. Se no centro, havia uma espécie de correspondência entre a ideologia liberal e a realidade que ela encobre - o que permitia um esteio para a crítica -, isso não ocorria no Brasil. Devido à convivência acomodatória entre capitalismo e escravidão, e ainda uma certa lógica do favor que operaria no Brasil<sup>8</sup>, as ideias liberais giravam em falso, nas palavras de Schwarz:

O escravismo desmente as idéias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular. O elemento de arbítrio, o jogo fluido de estima e auto-estima a que o favor submete o interesse material, não podem ser integralmente racionalizados. Na Europa, ao atacá-los, o universalismo visara o privilégio feudal. No processo de sua afirmação histórica, a civilização burguesa postulava a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho etc. - contra as prerrogativas do Ancien Régime. O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais (SCHWARZ, 1988, p. 16).

Deste modo Schwarz reconhece que está frente a um modelo de discurso diante do qual há um limite para um modelo progressista de crítica da ideologia (Ver ARANTES, 2004, p. 282) que procura apontar para o descompasso entre o conceito e a efetividade. Ou

---

<sup>8</sup> Sobre essa lógica do favor: Ver SCHWARZ, 1988, p. 15-16.

seja, não é o caso aqui de um discurso comum ao liberalismo clássico, deste modo à dialética posta em marcha por essas incompatibilidades irreconciliáveis não parece corresponder um modelo clássico de crítica da ideologia.

Mas nem por isso as ideias liberais deixariam de ter uma função na vida ideológica brasileira, como aponta, Schwarz

De ideologia que havia sido - isto é, engano involuntário e bem fundado nas aparências - o liberalismo passa [...] a penhor intencional duma variedade de prestígios com que nada tem a ver. Ao legitimar o arbítrio por meio de alguma razão "racional", o favorecido conscientemente engrandece a si e ao seu benfeitor, que por sua vez não vê [...] motivo para desmenti-lo. Nestas condições, quem acreditava na justificação? A que aparência correspondia? Mas justamente, não era este o problema, pois todos reconheciam - e isto sim era importante - a intenção louvável, seja do agradecimento, seja do favor. A compensação simbólica podia ser um pouco desafinada, mas não era mal-agradecida. Ou por outra, seria desafinada em relação ao Liberalismo, que era secundário, e justa em relação ao favor, que era principal. E nada melhor, para dar lustre às pessoas e à sociedade que formam, do que as idéias mais ilustres do tempo, no caso as européias. Neste contexto, portanto, as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade [...] Sua regra é outra, diversa da que denominam; é da ordem do relevo social, em detrimento de sua intenção cognitiva e de sistema (SCHWARZ, 1988, p. 17).



O modo de efetivação do padrão de funcionamento particular da ideologia no Brasil leva a uma situação de coexistência estabilizada da lógica social, na qual as ideias liberais passam a ter a função de, por exemplo, enobrecer o favor. Se no centro tais ideias tinham um papel na dominação social que era o de encobrir o seu próprio fato, aqui, essas mesmas ideias serviam à dominação, na medida em que explicitavam a sua própria lógica.

Mais do que isso, ocorre que este funcionamento particular da vida ideológica no Brasil não possui consequências somente para a sociedade brasileira, mas implica também numa consequência para se pensar o centro, e aqui chegamos no segundo aspecto que gostaríamos de salientar. Para um exemplo:

Inscritas num sistema que não descrevem nem mesmo em aparência, as ideias da burguesia viam infirmada já de início, pela evidência diária, a sua pretensão de abarcar a natureza humana. [...] Assim, o que na Europa seria verdadeira façanha da crítica, entre nós podia ser a singela descrença de qualquer pachola, para quem utilitarismo, egoísmo, formalismo e o que for, são uma roupa entre outras, muito da época, mas desnecessariamente apertada. Está-se vendo que este chão social é de consequência para a história da cultura: uma gravitação complexa, em que volta e meia se repete uma constelação na qual a ideologia hegemônica do Ocidente faz figura derrisória, de mania entre manias. O que é um modo, também, de

indicar o alcance mundial que têm e podem ter as nossas esquisitices nacionais. [...] Em suma, a própria desqualificação do pensamento entre nós, que tão amargamente sentíamos [...] era uma ponta, um ponto nevrálgico por onde passa e se revela a história mundial (SCHWARZ, 1988, p. 22-24).

Com isso, é como se Schwarz estivesse - a partir do caso particular, brasileiro - identificando um modo diferente de funcionamento da ideologia se comparado com o centro do capitalismo, mas que, ao mesmo tempo, se ligava a este centro. Nas palavras de Arantes:

Exibindo o progresso por esse flanco vulnerável - isto é, "a má-formação brasileira, dita atrasada, manifesta a ordem da atualidade a mesmo título que o progresso dos países adiantados" - Roberto não só ia anotando o alcance mundial de nossas esquisitices nacionais como construindo uma plataforma de observação a partir da qual objetar a esta mesma ordem universal. [...] Estava assim lançada a base de uma Ideologiekritik original. O mesmo chão histórico que barateava o pensamento e diminuía as chances da reflexão - pois aqui se desmanchava o nexo entre ideias e pressuposto social, o que lhes roubava a dimensão cognitiva -, devolvia a faculdade crítica com a outra mão, fazendo nossa anomalia expor a fratura constitutiva da normalidade moderna (ARANTES, 1992, p. 89).

É como se a crítica da ideologia no Brasil desmascarasse a falsidade das ideias burguesas; de modo que em solo nacional a crítica da ideologia revelava que aquilo que nos servia de norma a ser

alcançada - as ideias do liberalismo - era "desmoralizada pela sua particularização local, que ela no entanto, ao mesmo tempo desqualificava" (ARANTES, 2004, p. 282). Por meio do caso particular, brasileiro, se expõe aquilo que é um problema constitutivo da modernidade burguesa. Enfim, a nossa experiência demonstrava que a civilização liberal capitalista, podia conviver com não importa qual tipo de barbaridade, como a escravidão, por exemplo (Ver ARANTES, 2004, p. 282).

Em resumo, Schwarz teria demonstrado que a desprovincianização cultural - especialmente da literatura brasileira - não significa que ela tenha atribuído um caráter positivo ao Brasil (particular), mas sim que a nossa particularidade enquanto nação é uma particularidade negativa. E é pela ótica dessa negatividade que podemos sondar também uma espécie de crise da própria cultura burguesa (universal): a cultura burguesa é maleável a tal ponto de se adequar a uma situação social com tamanho grau de violência. Neste sentido, universal e particular estão ali para se desautorizarem reciprocamente.

Notemos, por fim, que o achado de Schwarz só foi possível a partir de um longo processo que culmina num acúmulo intelectual a partir não somente da literatura, como também da crítica literária e das

ciências sociais no Brasil.<sup>9</sup>

### **Filosofia no Brasil hoje?**

A partir dos comentários acima sobre a noção de formação e de um possível caso de desprovincianização da cultura local - especialmente a partir de Schwarz -, retornamos ao nosso problema da filosofia, agora à luz do que foi exposto.

Se, como afirma Arantes, "a condição moderna da filosofia confunde-se desde a origem com a sua situação de especialidade universitária" (ARANTES, 1994, p. 78)<sup>10</sup>, falar em filosofia no Brasil implica - assim como no caso da formação literária - considerarmos a transposição de uma cultura filosófica - no caso, filosofia universitária francesa - num país com pressupostos materiais diferentes

---

**9** Suas teses são devedoras em certo sentido, não somente da literatura e da crítica literária, mas também um acúmulo intelectual - continuidade de problema que é signo do processo de formação - que inclui autores como: Fernando Henrique Cardoso, Maria Sylvia Carvalho Franco isso para ficarmos em nomes mais imediatamente importantes para o autor, mas poderíamos lembrar aqui de toda uma tradição das ciências sociais, história, economia, etc. no Brasil. Lembremos que, nem por isso, as teses de Schwarz deixam de ter consequências para essa mesma tradição, no caso, não existiria algo como uma formação inconclusa, a formação está terminada (Sobre os possíveis destinos da formação Ver SCHWARZ, 1999, p. 68-70).

**10** Lembremos que para Arantes, a própria filosofia seria um gênero discursivo, de certo modo, já ultrapassado pela história. De acordo com Arantes, os eventos de 1848 impactam no destino da filosofia, evidenciando os limites do universalismo burguês. Como se depois de 1848 a filosofia ficasse sem objeto, se dissociando explicitamente de seu possível caráter civilizatório. Não por acaso é a partir daqui que nasceria a filosofia profissional - filosofia enquanto disciplina acadêmica (da qual seríamos herdeiros). Ou ainda, este gênero teria uma certa chance de sobrevivência na crítica da economia política (ou numa teoria crítica) (Ver ARANTES, 1996, p. 28 e seguintes).

daqueles em que se originou tal cultura. E neste sentido, em *Um departamento francês de ultramar*, Arantes - tomando como modelo a noção de formação de Candido - procurou historiar a formação da cultura filosófica em São Paulo - que não deixa de ter consequências gerais para a formação da cultura filosófica no Brasil. Para encurtar bastante o argumento, digamos que se formou em São Paulo e no Brasil uma cultura filosófica. Alguns dos maiores exemplos da maturidade dessa formação são comentados pelo próprio Arantes, em especial, os casos de José Arthur Giannotti e Ruy Fausto<sup>11</sup>.

Enfim, se tomarmos emprestado o conceito de formação notamos que formou-se uma cultura filosófica no Brasil, no sentido de que há uma tradição consolidada, no que diz respeito ao modo de se fazer pesquisa filosófica em solo nacional. Ao menos, sob este ponto de vista, fazer filosofia no Brasil hoje, significa, fazer o mesmo que se faz - na condição de profissionalização a que o gênero filosófico se encontra - em qualquer outra parte do mundo na qual essa cultura esteja formada no sentido que apresentamos acima. E isso significa termos a presença de cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia, a produção de teses, artigos, eventos acadêmicos

---

**11** Sobre Giannotti, Arantes destaca, dentre outras coisas, a sua importância para o seminário Marx, que por sua vez, segundo Arantes, produziu "[ ] o que ainda existe de menos dogmático, mais inventivo e original no ensaio marxista de interpretação da experiência brasileira" (ARANTES, 1994, p. 238). Outro destaque a Giannotti coube a Schwarz: "apoiado no marxismo mais ou menos independente que se desenvolveu na USP, Giannotti teve o topete ou a tranquilidade de escrever uma crítica excelente e forte ao trabalho de Althusser, o grande nome do momento" (SCHWARZ, 1999, p. 258).

etc. Responder a essa maneira não tão empolgante<sup>12</sup> é um modo de situar historicamente a filosofia.

No entanto - ainda que consideremos a filosofia como mais uma dentre outras na divisão do trabalho acadêmico -, para tornar mais complexa a questão, remetemos para a passagem abaixo:

A demanda do assunto filosófico engrenado *na ordem do dia* não pode obviamente ser objeto [...] de prescrição por extenso, nem dispensa do esforço cosmopolita de atualização; todavia, o metro indicado – literatura e pensamento social – não implica necessariamente restrição provinciana, nem sugere modelos de excelência intelectual [...] ao que parece só atinaremos com o assunto à altura da complicação *atual* do mundo moderno, e no devido grau de generalidade que a forma conceitual da formulação dita filosófica requer, num momento de emancipação intelectual que não depende da clarividência pessoal, mas (repetindo) do desfecho de um processo coletivo de formação [...] veremos então um filósofo da *casa* decifrar um capítulo do curso *atual* do mundo a partir da exploração sistemática, numa forma que ninguém sabe qual será, da

---

**12** Ao menos não tão empolgante para nós, destinados, em alguma medida, a retornarmos à questão de uma filosofia nacional, dada a nossa situação social que seria marcada pelo "atraso". Mesmo caso da literatura: "A literatura do Brasil, como a dos outros países latino-americanos, é marcada por este compromisso com a vida nacional no seu conjunto, circunstância que inexistente nas literaturas dos países da velha cultura. Nelas, os vínculos neste sentido são os que prendem necessariamente as produções do espírito ao conjunto das produções culturais; mas não a consciência, ou a intenção, de estar fazendo um pouco da nação ao fazer literatura" (CANDIDO, 2000, p. 18).

experiência brasileira (ARANTES, 1993, p. 32-33. Grifo nosso).

Note-se que na passagem temos todos os elementos que encerram a questão que vira e mexe retomamos, a saber: o que significa fazer filosofia no Brasil hoje? E aqui, se Arantes chama atenção para a necessidade do acúmulo caro à formação, para o balanço entre localismo e cosmopolitismo, no entanto, permanece o desafio de compreendermos como tudo isso se daria no caso específico da filosofia, que, como ele diz, possui como característica certa generalidade da formulação conceitual. Isso nos leva a algumas questões: seria ainda possível um processo de desprovincianização - tal como possivelmente presente em Schwarz, para efeito de exemplo de referência - particular à filosofia? Qual seria o seu sentido? Qual o sentido de uma acumulação intelectual particular à filosofia, tal como se deu na literatura, crítica literária e nas ciências sociais? Em outras palavras, se tratando de filosofia, em que consiste essa continuidade temática tão cara à formação?

Obviamente não temos as respostas para essas questões, mesmo assim, talvez o caso do próprio Arantes seja um exemplo curioso. Sem nos comprometermos se o que este autor faz é ou não filosofia, notemos que ele parece *pôr em prática* aquilo que ele mesmo havia notado em Schwarz. Este último teria oferecido, em alguma medida, um modelo de crítica da ideologia através do cotejamento

entre centro e periferia (ou ainda, de como as ideias do centro aparecem na periferia), de modo a permitir a possibilidade de que quem pensasse a partir do ponto de vista da periferia passasse a ter algo a dizer sobre a totalidade do processo. Em resumo, Schwarz teria possivelmente oferecido uma chave para a leitura da constituição - e alcance - de um ponto de vista da periferia (particular) capaz de revelar algo do processo como um todo (universal) – inclusive sobre o centro do capitalismo.

Sendo assim, num dos aspectos que envolve a formação, Arantes continua Schwarz. Para citar alguns exemplos, em *Ressentimento da dialética*, o autor explora a hipótese do ressurgimento da dialética no século XIX ligado ao "atraso" alemão. Tal hipótese ganha fôlego a partir da influência explícita do esquema desenvolvido por Schwarz no ensaio *As ideias fora de lugar*<sup>13</sup>. Em *Um Departamento francês de ultramar*, trata-se da "crônica de um episódio universitário local se inscreve no processo secular de formação e modernização do país, e pode revelar facetas inesperadas do próprio padrão

---

**13** Segundo Vladimir Safatle: "Foi ao levar em conta a situação periférica da Alemanha do século 19, marcada pelo "atraso" de um desenvolvimento desigual e combinado no interior do qual as ideias parecem estar sempre em descompasso em relação a seus destinatários e à efetividade, que Paulo Arantes pôde fornecer a certidão de nascimento da dialética hegeliana e de seu duplo: a ironia" (SAFATLE, *O momento brasileiro da dialética*. Correio brasileiro, 4 de setembro de 2004). Para mais autores sobre a relação e impacto do ensaio de Roberto Schwarz na obra de Paulo Arantes Ver PRADO JR., B. "O pressentimento de Kojève". In: *Ressentimento da dialética*, 1996; SAFATLE, *O momento brasileiro da dialética*, 2004; CAUX; CATALANI, *A passagem do dois ao zero*, 2019; ZANOTTI, "Na antecâmara da ideologia mundial". In: *Formação e desconstrução*, 2021.



'alheio' que tratávamos de interiorizar" (SCHWARZ, 1999, p. 208), ou seja, trata-se da elaboração local de um influxo externo. Em *Formação e desconstrução*, trata-se da crítica daquilo que ele chama de ideologia francesa, tendo como perspectiva este ponto de vista da periferia<sup>14</sup>. Para um último exemplo, vale a pena citarmos uma passagem do ensaio *A fratura brasileira do mundo*, onde Arantes procura mapear intelectualmente uma desprovincianização real, no caso, quando é o Brasil que se transformaria no futuro do mundo e não o contrário:

na hora histórica em que o país do futuro parece não ter mais futuro algum, somos apontados, para mal ou para bem, como o futuro do mundo. Nove fora equívocos de parte a parte, uma chance histórica, do tamanho da ruptura de época que estamos vivendo, para trazer de volta a reflexão à periferia, no espelho da qual desta vez a metrópole se contempla, por certo que com a auto-complacência de praxe. Seja como for, não é trivial que o mundo ocidental confessadamente se brasilianize, depois de ter ocidentalizado a sua margem (ARANTES, 2004, p. 30).

## **Considerações finais**

A título de recapitulação, observemos algumas possíveis ideias sugeridas ao longo da exposição.

---

<sup>14</sup> Ver ZANOTTI, *Na antecâmara da ideologia mundial*, In: *Formação e desconstrução*, 2021.

Em primeiro lugar, ao que nos parece, fazer filosofia no Brasil hoje, não precisa necessariamente implicar numa dupla positivação, seja da própria tradição filosófica ocidental, seja da cultura nacional. A lição de Schwarz (ou mesmo de Arantes) é que, algumas de nossas particularidades - inclusas na universalidade do sistema-mundo - podem ser negativas. Além disso, a depender do ponto de vista, a própria cultura ocidental pode sair desmoralizada - o que não significa que esta seja contornável. Atropelados todos pelo processo de modernização capitalista, verificar o modo particular como se deu este atropelo em cada formação social específica e a sua relação com a totalidade, talvez seja uma tarefa.

Por fim, vimos que o alcance deste ponto de vista da periferia e o seu manejo, requer dos nossos autores uma relação com toda a tradição crítica brasileira que não se reduz a campos disciplinares - como vimos, a filosofia hoje, talvez seja somente mais um campo disciplinar. Para ficarmos nos exemplos dos autores trabalhados - Candido, Schwarz e Arantes<sup>15</sup> - estes não se restringem aos seus campos disciplinares específicos, e ainda, para a constituição de suas obras, transitam entre os mais variados gêneros. Ou seja, se tomarmos o nosso caso, a filosofia, pensar a *matéria brasileira* de-

---

**15** "Com o tempo e as nossas instituições universitárias, a literatura foi substituída pelas ciências sociais e pela economia política. A interpretação do país passou a ser feita pelo ensaio sociológico - científico e universitário. Portanto, a sociologia também foi uma figuração do país" (ARANTES, 2004, p. 275-276).

manda recorrência à literatura, ao ensaio sociológico, à economia, para ficarmos em alguns exemplos.

## Referências bibliográficas

ARANTES, P.; ARANTES, O. **O sentido da formação**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

ARANTES, P. **Sentimento da dialética**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **O fio da meada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad, 2004.

\_\_\_\_\_. **Um departamento francês de ultramar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ressentimento da dialética**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

\_\_\_\_\_. **A filosofia e seu ensino**. São Paulo: EDUC, 1993.

\_\_\_\_\_. **Formação e desconstrução**. São Paulo: Editora 34, 2021.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CAUX, L. P. de, & CATALANI, F. "A passagem do dois ao zero: dualidade e desintegração no pensamento dialético brasileiro (Paulo Arantes, leitor de Roberto Schwarz)". In: **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (74), 119-146, 2019.

SAFATLE, V. **O momento brasileiro da dialética**. Correio Brasileiro, Brasília, p. 6-7, 4 de set. 2004. Disponível em: <<http://www.oocities.org/vladimirsafatle/vladi074.htm>>. Acesso em: 20/09/2022.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

\_\_\_\_\_. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Martinha versus Lucrecia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Seja como for**. São Paulo: Editora 34, 2019.